O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS: SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL I

PAULO ROGÉRIO DE OLIVEIRA

Resumo:

O presente trabalho se propõe a analisar criticamente a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia. Neste trabalho tomamos como exemplo a aula de campo da disciplina Cartografia Temática realizada nos municípios de Mogi das Cruzes e de São Paulo, com alunos do sexto ano. O objetivo principal da prática do trabalho de campo é de fornecer aos alunos a oportunidade de aprender Geografia mediante a observação direta e fazê-los apreender a relação entre os aspectos físicos - naturais e as atividades humanas. O trabalho de campo é uma atividade de extrema importância para a metodologia de ensino que buscamos desenvolver na geografia e particularmente na disciplina Cartografia Temática, cuja finalidade é levar o aluno a compreensão do que é uma pesquisa exploratória e permitir a observação empírica dos fenômenos estudados e o contato com os agentes sociais. A partir dessas estratégias pretendemos desenvolver uma série de atividades relacionadas ao processo de ocupação, características naturais e aspectos culturais da formação socioespacial do Estado de São Paulo. O objeto estudado foi o espaço geográfico representado pela carta topográfica Rio Tietê, recorte representado pelos municípios de Mogi das Cruzes e de São Paulo. Os resultados mostraram que o método da pesquisa de campo é relevante na formação do Geógrafo, professor/pesquisador e acadêmico, como um meio de unir prática e teoria.

Palavras-chaves: Trabalho de Campo, Geografia, Espaço Geográfico.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar criticamente a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia, tendo como exemplo a prática do trabalho de campo da disciplina Cartografia Temática do curso de Geografia. As áreas referentes à pesquisa exploratória no campo compreendem a carta de Rio Soe elaborada pelo Exército brasileiro na década de 1970. A justificativa para tal estudo de campo partiu do fato de se querer saber mais sobre o espaço paraibano.

O trabalho de campo surge como um recurso importante no processo de ensino-aprendizagem para se compreender a relação existente entre as informações obtidas em sala de aula e a prática de campo para melhor aproveitamento do conteúdo apreendido, tendo como objetivo principal familiarizá-lo com os aspectos físicos e naturais e com as atividades humanas relacionadas ao uso da terra, percebendo assim a identidade do lugar ou da comunidade.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho de campo para não ser somente um empirismo, deve articular-se a formação teórica que é, ela também, indispensável (LACOSTE, 1985). A maioria dos profissionais da geografia considera que o momento fundamental e, talvez, o principal do fazer geográfico, seja o trabalho de campo, tanto no desenvolvimento de uma pesquisa, como na transmissão de conhecimento para outras ciências. Tal fazer geográfico é reconhecido como instrumento de suma relevância para verificação e registro das transformações das paisagens. Esta abordagem também é conduzida para o ensino da cartografia temática na geografia, levando–se em consideração a representação cartográfica como um meio lógico de abordar criticamente e de forma clara a realidade

Segundo Souza et al. (2008), por meio do trabalho de campo é possível desenvolver as habilidades de observar, descrever, interpretar fenômenos naturais e sócios espaciais nos alunos, e inferir na boa formação de profissionais na área das geociências. A Geografia surge enquanto ciência no século XIX, cujo objeto de estudo é o espaço geográfico; portanto o objeto de interesse da Geografia é este espaço, um espaço social, resultante da produção humana ao longo do tempo (Martinelli, 1990), porém a prática do trabalho de campo já era realizado através das viagens exploratórias do então naturalista Alexander Von Humboldt (1769–1859), um dos sistematizadores da disciplina, em século antes.

Para (Oliveira, 1977),

A Geografia tem por tarefa descrever, analisar e predizer os acontecimentos terrestres. A descrição, análise ou predição geográfica dos fenômenos é sempre realizada tendo em vista suas coordenadas espaciais e mediante a observação de campo. Como o conceito geográfico de espaço coincide com o de toda a Terra, o geógrafo teve necessidade de recorrer à representação da superfície terrestre para realizar seus estudos (OLIVEIRA, 1977).

Na chamada Geografia Tradicional, o trabalho de campo norteava-se na observação e na descrição dos elementos contidos nas paisagens, o que resultava numa prática de ensino puramente descritiva e numa leitura acrítica do espaço geográfico. Sobre essa analise acrítica ALVES et.all explana o seguinte:

Durante muito tempo as viagens se constituíram como o principal processo para o desenvolvimento do conhecimento dos espaços geográficos. Assim, esses conhecimentos serviam de instrumento de poder sobre os demais, visto que os viajantes e expedicionistas detinham informações que serviriam aos interesses de cunho político e econômico, como projetos de conquista e colonização de novos territórios. (ALVES et.all, 2008).

Na chamada Geografia Crítica o trabalho de campo se destaca pela importância da preparação e da contextualização do mesmo, para que se possa propiciar ao aluno o interesse pelo estudo do lugar vivido e a compreensão das contradições espaciais existentes. O trabalho de campo ao ser realizado, especialmente por pesquisador e estudante da Ciência Geográfica, têm como objetivo proporcionar ao cientista/estudante a análise das relações existentes no espaço geográfico, bem como realizar observações de aspectos fisiológicos, urbanos, sociais, econômicos e culturais na paisagem de forma empírica, buscando sempre a interrelação entre fenômenos, chegando a conclusões diversas. Sobre a importância da prática do trabalho de campo na Geografia, Valéria di Marcos (2006) explana seu pensamento,

Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia.Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se 'materializa' diante dos olhos estarrecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa 'excursão recreativa' sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (MARCOS, 2006).

Na atualidade o trabalho de campo é um recurso metodológico de ensino– aprendizagem que vem se apossando do seu espaço oficial nas práticas curriculares da Geografia como um dos instrumentos de maior interesse e produtividade no ensino da Geografia e na formação do profissional da Geografia.

Cabe ressaltar que o trabalho de campo não deve ser visto como um fim mais sim com um meio, para elucidar a teoria vista em sala de aula e elencar novas indagações ao retornar a sala de aula. Ademais, outros valores de grande relevância são acrescidos, como cooperação na realização de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação, desenvolvimento da sensibilidade e da percepção. Estreitamento das relações professor–aluno e aluno–aluno e das relações entre comunidade acadêmica e meio ambiente.

Desse modo, lembramos que durante o desenvolvimento do trabalho de campo, todo o processo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor tem a preocupação constante de situar a atividade dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas, isto se faz necessário para evitar o "fazer pelo fazer", apenas.

O trabalho de campo como prática pedagógica no ensino da geografia é eficaz em sua proposta quando precedido de uma discussão além de um levantamento bibliográfico, cartográfico, estatístico e contatos com possíveis interlocutores. Tal discussão leva professor e aluno a tematizarem a proposta a ser problematizada em campo. Este estudo teórico prévio tem a finalidade de construir um embasamento conceitual e metodológico que fluirá em uma maior aprendizagem.

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Em favor disso

Pierre Monbeig (1936) afirmava que, "[...] as excursões constituem um valioso auxílio e devem ser aproveitadas e aplicadas com o objetivo definido, geográfico, afim de que não redundem em simples passeio ou viagem de turismo".

Nesse sentido, Alentejano & Rocha-Leão (2006) diz que o trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas, parte desta paisagem para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos.

Mediante esse fato percebe-se a importância do trabalho de campo como fortalecimento do discurso contemporâneo dentro do conhecimento geográfico de desconstruir a dicotomia entre geografia física/geografia humana ainda muito presente em nosso meio. Ainda para Alentejano & Rocha-Leão (2006) cabe destacar que tanto na realidade do campo quanto na teoria os aspectos sociais e naturais da realidade são indissociáveis.

Vale ressaltar que o trabalho de campo é relevante para a Ciência Geográfica, todavia não se deve utilizá-lo como a única ferramenta para o ensino da geografia, e sim, como um instrumento que comunga prática e teoria. Nesse sentido, Tomita (1999) destaca que,

Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento ao retornar à sala de aula. Se o objetivo é a melhoria do ensino em Geografia, só há um caminho a seguir pelo professor: não ficar ancorado apenas na acumulação de um saber geográfico do livro

didático, sair dos exaustivos discursos, dos questionários sem fundamento, intensificar a comunicação com os alunos, ter a preocupação em atualizar e aperfeiçoar o conhecimento e ter satisfação em experimentar as novas técnicas. (TOMITA, 1999).

RESULTADOS DE UM TRABALHO DE CAMPO

A disciplina Cartografia Temática realizou no período 2009.1 um trabalho de campo que teve como finalidade levar o aluno a compreensão do que é uma pesquisa exploratória e de assimilar de forma clara a representação do relevo observando o princípio da construção das curvas de nível como elemento fundamental da carta topográfica primando pela qualidade das informações obtidas. Como objeto de estudo foi abordado o espaço físico paraibano mediante a observação direta. Para realização da pesquisa in loco, se utilizou como auxílio didático o Atlas Geográfico da Paraíba, como uma ferramenta para se ter uma noção geral do espaço; aparelhos de GPS, com a finalidade de localizar a área de estudo e o caminho percorrido; e, carta da SUDENE, Rio Soé, na escala 1:25 000, editadas em 1975, para avaliação da paisagem e comparação desses elementos conforme as modificações ocorridas num determinado espaço de tempo.

Como primeiro ponto de observação temos a paisagem do Rio Paraíba nas coordenadas geográficas 7º 06’ 21” de latitude Sul e 34º57’49” de longitude Oeste. (figura 1).



Figura 1 – Vista parcial Rio Paraíba - Foto: Diego Silvestre – Data: 04/08/2009

A bacia do rio Paraíba corresponde a 18.000km² e representa 32% da área territorial do estado, que tem mais de 60% de suas fronteiras constituídas de divisores de águas, sendo que o contorno sul quase reproduz em escala maior a bacia do rio Paraíba, que deu o nome ao estado. O rio nasce numa das regiões mais secas, o Cariri, e de água numa região de grande riqueza, a região canavieira, na planície litorânea. A maior parte de seu percurso se dá no alto da Serra da Borborema. De lá, desce passando pelo Agreste, atingindo o litoral (SILVA, 2005).

Um ponto a se atentar para o rio Paraíba é o seu alto nível de assoreamento que nada mais é do que acumulação de partículas sólidas em meio aquoso, que se deveu sobretudo a retirada de sua mata ciliar para a expansão do cultivo de cana de açúcar.

Em 1985 no município de Santa Rita as matas de Cravuçu e Aldeia que constituíam o maior testemunho da Mata Atlântica existente no Estado, foram, em sua maior parte, substituídas pela cana e por estradas de acesso as destilarias de Jacuípe e Japungu no processo de degradação dessa mata nem mesmo as áreas de cabeceiras de cursos d’água foram preservados (MOREIRA, 1997 apud CARVALHO & MADRUGA, 1985).

Esse assoreamento causa a redução do talvegue do rio que no período de cheia transborda rapidamente causando prejuízo, tanto aos poucos ribeirinhos que moram as margens dos rios quanto a cidades inteiras como Cruz do Espirito Santo, que já foi totalmente devastada pelas enchentes do Rio. Das chuvas irregulares que caem violentamente em determinadas épocas do ano, resultam as súbitas enchentes, cujas correntes avançam em forma de cabeças d’água barrentas, levando de roldão tudo o que encontram pela frente, inchando seu volume e causando enormes prejuízos.

A ausência da mata ciliar nas margens se faz tão ausente que é possível observar faixas arenosas que lembram praias que na verdade são os fornecedores de partículas

Sólidas ao leito do rio. (figura 2).

Figura 2 - Assoreamento do Rio Paraíba – Foto: Diego Silvestre – Data: 04/08/2009



É possível também observar dentro do leito rio uma pequena ilha formada pela imensa quantidade de partículas sólidas que já foi lançada dentro do rio.

Em direção ao segundo ponto de parada podemos observar a homogeneização que a cana de açúcar causou na paisagem rural do trecho oriental de nosso Estado. Segundo MOREIRA & TARGINO (1997) a paisagem transformada pela cana reproduziu em menor ou maior escala a dinâmica de organização do espaço a sua submissão as novas leis do processo.

Como segundo ponto de observação temos a paisagem do Rio Jacuípe na Rodovia Estadual - PB 025, mais precisamente nas coordenadas 07º00'00" de latitude S e 34º59'11" de longitude O. Mediante leitura da carta topográfica do Rio Soé de 1973, esta área era dominada por vegetação de mata, florestas e bosques. Todavia o que se observa in loco são pequenos fragmentos dessa vegetação onde podemos afirmar que há três décadas atrás se fazia abundante (figura 3).

Os estímulos fornecidos pelo governo federal através do Proálcool a expansão da cana não só sobre os tabuleiros costeiros e encostas do Brejo, como sobre municípios do Agreste Baixo, do Agreste Ocidental e do Piemonte da Borborema. Em outras palavras, o rompimento da barreira ecológica constituída pelos tabuleiros e encostas íngremes do Brejo tornou-se possível a partir do momento em que:

[...] os preços do açúcar, e posteriormente do álcool, compensaram os investimentos necessários para a aquisição de novas terras, a modernização dos equipamentos, a ampliação do emprego de fertilizantes, herbicidas e de outras variedades de cana mais adaptadas ás novas condições ecológicas (EGLER & TAVARES,1984).

Essa expansão fez com milhares de hectares de mata que se desenvolviam sobre os tabuleiros fossem devastadas para dar lugar a cultura de cana de açúcar.



Figura 3 - Áreas devastadas e Fragmentos de mata em Santa Rita Fonte: Google Earth. Edição de imagem: Diego Silvestre - Data: 04/08/2009

O Rio Jacuípe embora cercado pela devastação conserva ainda que pequena sua vegetação ciliar e suas águas ainda se conservam límpidas a olho nu, todavia não confiáveis sem uma análise mais apurada de sua qualidade química. Já que a dentre os pesticidas orgânicos (naturais ou sintéticos) e os inorgânicos, os mais utilizados na região canavieira paraibana estão os compostos clorados e derivados de compostos organofosforados (Moreira, 1997, apud Mitsunaga, 1990). Devido ao alto poder de filtração dos tabuleiros têm-se alto grau de contaminação ambiental de nascentes e lençóis freáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do trabalho de campo deve ser enfatizada como recurso didático e implantada como disciplina obrigatória na grade curricular do Curso de Geografia, porque tal recurso oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em consideração no processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes ao pesquisador da ciência geográfica.

A partir de diversos estudos de campo, realizados no Curso de Geografia, foram observadas mudanças no desempenho do aluno referente ao aprendizado, tanto da disciplina que ora realiza o trabalho, como na transformação do aluno e sua definição como estudante da geografia. No decorrer do trabalho, podemos observar que ocorre-

ram mudanças significativas na paisagem em relação a primeira leitura da carta, de forma a se distinguir o processo de expansão da cana-de-açúcar iniciado na década de 1970 como o grande vilão da substituição da vegetação nativa (de várzea e de Mata Atlântica) em quase sua totalidade. Observou-se também, nessa área, que a cana-de-açúcar adentrou às áreas alagadas, violando os limites naturais da preservação permanente e proteção dos rios.

Em suma, o exercício de campo trouxe à formação do profissional da geografia a capacidade de integrar a teoria vista em sala de aula com a realidade da prática de campo e também de aprofundar os conhecimentos acerca das temáticas propostas para confecção do relatório. Através da prática do trabalho de campo percebemos e tomamos consciência de que a realidade tratada no âmbito da sala de aula pode e deve ser observada fora dela, não apenas pela descrição e beleza da paisagem, mas também pelo conhecimento científico do conteúdo natural, histórico e social que o espaço transmite e faz compreender e fazer juízo da sociedade contemporânea e de saber que esse conhecimento vai ser devolvido à própria sociedade.

Desse modo, podemos constatar que os objetivos traçados para essa prática de campo, atingiram o domínio cognitivo, como também a aquisição e consolidação dos conhecimentos específicos; despertar consciências do espaço vivido e construído; despertar o espírito crítico e investigativo.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R. e ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: uma ferramenta

essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado. Boletim Paulista de Geografia,

São Paulo, nº 84, p. 51-57. 2006

ALVES, L.A.; LOPES, M.; SILVA, K. A Importância de se Praticar o Trabalho de Campo na

Ciência Geográfica. A MARGEM - Estudos, Uberlândia - MG, ano 1, n. 1, p. 10-9, jan./jun.

2008.

EGLER, C; TAVARES, Sérgio. Impactos sociais, econômicos e ambientais do Pro-álcool

na Paraíba. João Pessoa, Cadernos Codicit 002, série Impactos Tecnológico, Ano 1, nº1,

1984.

GUERRA, A. T. CUNHA, S. B. (orgs.) Geomorfologia: Uma atualização de Bases e

Conceitos. 3ªEd., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

LACOSTE, Y. A Pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores,

estudantes e cidadãos. São Paulo, AGB/SP, n.11, 1-23, agosto de 1985.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma

Experiência de Pesquisa Participante. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n.

84, p. 105 – 136, 2006.

MARTINELLI, M. Orientação Semiológica para as Representações da Geografia: Mapas e

Diagramas. Orientação, n. 8, p.53-69, USP, São Paulo, 1990.

MOMBEIG, P.. Metodologia do ensino geográfico. Revista Geografia, AGB, São Paulo, v. 1,

n. 2, 1936.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba – João Pessoa:

Editora Universitária – UFPB, 1997.

OLIVEIRA, L. de Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. (Tese de Livre Docência) 1977. Universidade do Vale do Paraíba. Versão do arquivo em http://www.cartografia.ime.eb.br/artigos/epq2. pdf

SILVA, L. M. T. Nas margens do Rio Paraíba do Norte. Revista Cadernos do Logepa – Série

Texto Didático, Ano 2, Número 4 - Jul/Dez de 2005.

SOUZA, C. J. O; Faria, F. S. R.; Neves, M. P. Trabalho de campo, por que fazê-lo?